

nova fase
DA LUA

ESCULTORES POPULARES DE
PERNAMBUCO



nova fase
DA LUA

ESCULTORES POPULARES de
PERNAMBUCO



Flávia Martins
Rogerio Luz
Pedro Belchior



*Sonhei que eu era um artista,
entrei na mata e
comecei a encontrar peças.*

José Beserra
Vale do Catimbau



9 788563 105521

FUNCULTURA

FUNARPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

Secretaria de
Cultura



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

Flávia Martins
Rogerio Luz
Pedro Belchior

© 2012 Flávia Martins

Concepção, coordenação geral e editorial

Flávia Martins

Assistente de coordenação editorial

Rogério Luz

Produção executiva

José Renato Monteiro

Mediatech

Projetos e Empreendimentos Educacionais

Pesquisa e texto

Flávia Martins

Rogério Luz

Pedro Belchior

Fotografia

Francisco Moreira da Costa

Assistentes de fotografia

Luisa Mello

Renato Barbosa / Titi

Rodrigo Ferdinand

Pesquisa de campo

Flávia Martins

Pedro Belchior

Revisão

Margarida Michel

Projeto gráfico e edição de miolo e capa

Gisela Abad | Zabad Design

Assistentes

André Meneses

Raphael Cruz

Renata Motta

Tratamento de imagens

Robson Lemos

Mascaramento de imagens

André Meneses

Rafael Andrade

Raphael Cruz

Renata Motta

Registro sonoro

Pedro Macedo

Transcrição

Anderson Pereira Antunes

Bárbara de Araújo

Douglas Caputo de Castro

Fernanda Arbex de Freitas

Flávia Maria Faria Ferreira

Isabella Poppe

Marina B. Moreira da Costa

Natália de Santana Guerellus

Thayná Faria

Motorista e apoio local

Adriano Avelino

Impressão e acabamento

Gráfica Santa Marta

As peças documentadas na falsa folha de rosto, folha de rosto, sumário, agradecimentos, páginas 17, 65 (1ª esq.), 107, 168, 228 e 231 pertencem à coleção particular de Flávia Martins. As das páginas 4 e 5 pertencem à coleção particular de Célia Novaes. A da página 93 e colophon pertencem à coleção particular de Carlos Augusto Lira.

Capa

José Beserra | Vale do Catimbau - Buíque | madeira

Falsa folha de rosto

Manuel Eudócio | Caruarú | O beijo | 40 cm | Argila

Folha de Rosto

Antônio Rodrigues | Caruarú | Os passistas | 20 cm | Argila

Colophon

José do Carmo | Goiana | Cesteiro | 35 cm | Argila

M379n Martins, Flavia

Nova fase da lua: escultores populares de Pernambuco / Flavia Martins, Rogério Luz, Pedro Belchior; Fotografia de Francisco Moreira da Costa - Recife: Caleidoscópio, 2012.

232 p. :il

ISBN 978-85-63055-17-0

1. Artes plásticas 2. Arte Popular - Pernambuco
3. Esculturas populares - Pernambuco I. Luz, Rogério II.
Belchior, Pedro III Costa, Francisco Moreira da (fotografias)
IV. Título

CRB4/1544

CDU 73(81)PE



nova fase DA LUA

ESCULTORES POPULARES DE
PERNAMBUCO

Flávia Martins
Rogério Luz
Pedro Belchior

Fotografia
Francisco Moreira da Costa

Recife
2012



Zefinha Paulino | Ibimirim
Santo Antônio | 32 cm | madeira

Zefinha Paulino | Ibimirim
Nossa Senhora da Conceição | 44 cm | madeira



Disso você não entende não,
isso é coisa do reinado da Lua.

Nhô Caboclo
Artista de Pernambuco



*A Sílvia Coimbra,
por toda uma vida dedicada
a desvendar, defender e fortalecer
o poder de criação dos artistas populares
que habitam o reinado da Lua.*

SUMÁRIO

18 METRÓPOLE

56 MATA

104 AGRESTE

178 SERTÃO

- 8 MAPA DOS ARTISTAS ENTREVISTADOS
- 11 NOTA DA OAS
- 13 AGRADECIMENTOS
- 15 APRESENTAÇÃO

- OLINDA
 - 22 Tiago Amorim
 - 26 Rosalvo
 - 29 Nado
 - 32 Josa Lira
 - 35 Zé Alves de Olinda
- JABOATÃO DOS GUARARAPES
 - 39 Mestre Cunha
 - 42 Nicola
- IGARASSU
 - 47 Abias e seu discípulo Márcio
 - 51 Roberto Vital
 - 54 Moizés Vital

- 58 TRACUNHAÉM
 - 60 Maria Amélia e seu filho Ricardo
 - 63 Nuca e seu filho Marcos
 - 66 Zezinho e seu filho Dinho
 - 68 Zuza
 - 72 Luiz Gonzaga
 - 74 Zé Tamanquinho
 - 76 Joaquim e seus irmãos Totinha e Dé
 - 80 Heleno
 - 82 Nilson
 - 84 Ivo
 - 86 Jetro
- 88 GOIANA
 - 90 Zé do Carmo
 - 94 Tog
 - 97 Adilson, Luiz Carlos e Luiz Gonzaga

- 106 CARUARU
 - 108 Família Vitalino
 - 109 Severino Vitalino e seu filho Elias
 - 113 Vitalino Neto
 - 116 Família Zé Caboclo e Celestina
 - 117 Marliete
 - 120 Socorro e sua neta Thaís
 - 123 Carmélia e seu filho Emerson
 - 126 Antônio e sua filha Amanda
 - 130 Horácio
 - 132 Paulo
 - 134 Adriana
 - 136 Maria Claudineide
 - 138 Família Manuel Eudócio
 - 139 Manuel Eudócio
 - 142 Ademilson e Jandira
 - 146 José Silvano
 - 148 Luiz Carlos
 - 151 Família Luiz Antônio
 - 151 Luiz Antônio e seus filhos Leonaldo e Leonildo
 - 156 Família Manuel Galdino
 - 156 Joel Galdino
- 158 BELO JARDIM
 - 160 Luiza
 - 162 Neguinha
 - 164 Cida Lima
 - 166 Joselina
- 168 GARANHUNS
 - 170 Fida
 - 172 Mauro
 - 173 José Veríssimo
 - 175 Serginho
 - 176 Marcos Siqueira

- 180 VALE DO CATIMBAU – BUÍQUE
 - 182 José Beserra
 - 185 Luiz Benício e Simone
- 188 IBIMIRIM E SERTÂNIA
 - 190 Elda
 - 192 Manoel Santeiro
 - 194 José Bezerra
 - 196 Nivaldo
 - 198 Everaldo Paulino
 - 200 Marcos de Sertânia e seu irmão Daniel
 - 203 Biu Aleijadinho
- 204 PETROLINA E LAGOA GRANDE
 - 206 Maria da Cruz
 - 208 Ângela
 - 210 Roque Santeiro
 - 212 Biu dos Anjos e seu filho Tiago
 - 215 Pintor
 - 216 Paulo Lima
 - 218 Paulo Izidório
 - 220 Bitinho
 - 224 Mazinho Santana

- 228 COMO ENCONTRAR OS ARTISTAS ENTREVISTADOS
- 231 BIBLIOGRAFIA



Ângela | Petrolina | Carranca
6 cm | argila



Há mais de trinta anos, registros de uma viagem por territórios férteis em manifestações artístico-culturais tomaram a forma de um livro: *O Reinado da Lua*. Essa era uma expressão de Nhô Caboclo, uma das personagens do livro, para dar nome ao universo do artista popular. O compromisso assumido, na época, por suas autoras – a proposta que norteou a elaboração da obra – era o de conhecer e entender melhor, com a participação dos agentes diretos dessas manifestações culturais, as múltiplas dimensões de seu universo.

É essa a premissa que norteia a pesquisa atual. Pretende-se, aqui, focalizar a escultura popular pernambucana a partir, em primeiro lugar, da perspectiva de seus autores, em que cada um deles aparece de forma individualizada, ao contar sua própria história e a história de seu trabalho. O objetivo é documentar uma realidade – estilo de vida, processo de produção, características dos produtos e visões de mundo – por meio da figura do escultor e de suas obras, tanto como singularidade quanto em suas relações dependentes de um contexto social e histórico em transformação.

Com base na representatividade e no prestígio alcançados em suas próprias comunidades, nos meios institucionais e nos circuitos de arte, foram selecionados e entrevistados oitenta e cinco escultores populares de Pernambuco, residentes em treze municípios do estado. Os depoimentos desses artistas, registrados em áudio, tiveram um roteiro com base em questões como a sua própria conceitualização do trabalho artístico, trajetória de vida e de arte, relações com os outros artistas e com a comunidade, meios de difusão e de comercialização de suas peças, bem como processos de trabalho. A palavra é do artista. Ele é o protagonista de sua própria história.

O registro fotográfico acompanhou cada passo da pesquisa, buscando documentar o próprio artista, sua arte e seu contexto.

A criação da escultura popular, em Pernambuco, deita raízes no entorno familiar – em geral, por meio da convivência com os mestres tradicionais do ofício – e nas marcantes experiências de infância daí decorrentes, para quem se aventurou a brincar com a argila ou com a madeira.

Hoje, no entanto, esse tradicional determinante da prática está longe de ser exclusivo. Há mudanças na paisagem econômica, nas concepções sobre arte, no lugar que o artista ocupa entre seus pares, tanto na comunidade a que pertence quanto frente a um mercado globalizado.

Surge uma preocupação antes limitada, em geral, a agentes culturais públicos, integrantes das diversas instâncias de governo: preservar o patrimônio artístico e cultural de um Mestre ou de toda uma linhagem comunitária. Na órbita de planos de incentivo à conservação e à promoção culturais, criam-se novas instituições, como as casas de arte, os memoriais, os projetos ou as realizações de acervos e de museus, muitos deles iniciativa dos próprios artistas e de seus descendentes, originários ou não do funcionamento ainda incipiente de associações mais ou menos representativas.

No interior da prática da arte popular, o embate não se dá tanto entre concepções, modos de fazer e obras fiéis a linhagens tradicionais, por contraste com a invenção individual, inovadora de temas e de formas, que distinguiram, à época do *Reinado da Lua*, a produção de Caruaru e de Tracunhaém. Ele ocorre, antes, entre a criação da peça única – mesmo se retomada sempre como modelo criativo para as réplicas –, feita em grande parte a mão e dirigida ao segmento mais sofisticado de apreciadores e consumi-

dores (artistas, arquitetos, *marchands*, colecionadores, mas também galeristas e feiras de arte prestigiosas) e as peças feitas em série, repetidas em quantidade surpreendente, possível pelo uso de fôrmas e de máquinas, com etapas terceirizadas e auxiliares diretos, numa verdadeira linha de montagem, com vista a um público de gosto popular, e que objetivam o retorno financeiro imediato.

Trava-se, dessa maneira, a luta pelo acesso a um mercado ampliado: as armas da singularidade, da qualidade e do prestígio contra as forças da beleza fácil, do preço irrisório, dos intentos meramente decorativos. Arte contra enfeite.

Ao invés de opor duas maneiras de ver e de produzir, é preciso delimitar o lugar de cada uma no interior da variedade das expressões da arte popular não utilitária em Pernambuco. Porque, de um e de outro lado, se trata, mais do que de sobrevivência, de melhoria de condições de vida e de conquista de bens e serviços, que começam a se tornar acessíveis às camadas da população de onde provêm artesãos e artistas. E também do reconhecimento do artista popular como profissional, cidadão e pessoa, merecedor de promoção humana – financeira, social e cultural.

A ampliação das expectativas e das reivindicações desses trabalhadores, movida pelas novas demandas em âmbito regional, nacional e mesmo mundial – o mercado globalizado, mas também os contatos com outros artistas e outras propostas, as viagens para exibição e venda no país e no exterior, a posição relativa de cada um nas escalas de valor e prestígio – corresponde ao momento de transformação mais geral das relações sociais no país, dinâmica que sacode os estratos desfavorecidos da população.

Não é possível ignorar o grau de importância que, nesse setor, ganharam tanto as

organizações administrativas – casas de cultura com seus agentes, prefeituras com seus próceres políticos, mas também estados e governo federal –, quanto entidades privadas associadas a colecionadores e negociantes, por meio de eventos, de feiras, de mostras em lojas e galerias. Personalidades públicas e empresas privadas mantêm instituições culturais em busca de legitimação no campo da cultura, por meio de apoio, promoção e divulgação da arte popular de qualidade. Praticamente, todos os artistas entrevistados enaltecem a Fenearte (Feira Nacional de Negócios do Artesanato), por motivos que passam pela valorização e divulgação de seus trabalhos, pela oportunidade de se aproximarem de um amplo público consumidor e do próprio meio artístico local e nacional, e ainda – motivo principal – pelo reconhecimento social e artístico que adquirem ao serem escolhidos para integrar a Ala dos Mestres. A informação por meio das mídias, com o uso de antigas e novas tecnologias – revistas e livros de arte, mas também internet (correspondência eletrônica, redes sociais) –, aparece como eficaz meio de conhecimento para o artista e de espaço de *marketing* para seus produtos. A arte popular, como segmento da produção de bens culturais, se moderniza.

A multiplicação dos agentes, com funções específicas, envolvidos na produção direta, viabiliza a nova maneira de inserir a arte popular em um mercado mais amplo, desde a obtenção da matéria-prima até a distribuição e a venda do produto final – obra ou peça, única ou em série.

Novas formas de produção de artesanato – que provocam, como apontam os artistas, a instalação de verdadeiras linhas de montagem, com a gestão de custos com material, pessoal, organização e escoamento das peças – parecem impelir o trabalho desses artistas para outro patamar de valor.

Contraposta a essas linhas de montagem, a obra de arte produzida por indivíduos do povo tende a migrar para o campo erudito.

O movimento mais geral dessas mutações não data de hoje. A própria criação do nome e do conceito de *arte popular* remonta, na história recente, ao modernismo e a suas táticas para conhecer, preservar e promover o nacional.

Diluem-se antigas distinções entre as produções da arte popular e os trabalhos inscritos na pauta da chamada alta cultura. Ao mesmo tempo que se tornam mais nítidas – também por exigência do retorno financeiro esperado –, as demarcações entre artesanato em série e arte popular reafirmam o contraste entre o gosto apurado das diferentes elites, não necessariamente endinheiradas, e o gosto das camadas médias emergentes, não precisamente pobres.

De qualquer modo, é possível contar com a referência à antiga geração dos mestres pelos seus continuadores – familiares por sangue ou aliança – que, ao lado das réplicas de modelos inventados pelos seus maiores, procuram marcar um estilo próprio. Soma-se a essa segunda geração gente que não contou com nenhuma tradição familiar expressiva, mas chega à atividade por influência de fatores relacionados à própria expansão do ofício: possibilidades de realização pessoal e de ganho abertas pelas novas condições econômicas da criação de arte e de artesanato na região. São muitas vezes despertados para isso por sugestão ou influência de pessoas que participam do circuito simbólico da arte popular e dos negócios de seu mercado.

Os pioneiros envolviam sua arte com uma áurea sagrada e a remetiam a divindades naturais ou religiosas. Agora, uma jovem terceira geração de artistas vê na obra de arte um diferencial profano e estético, adequado

à matriz econômica dominante, cujo valor de uso – a educação da sensibilidade, o prazer da surpresa, a gratuidade da apreciação e o prestígio que disso decorre – se submete à escala de valores presidida pelo lucro a ser obtido e, mesmo, pelas expectativas dos investimentos financeiros no setor.

Importa aqui sinalizar as mutações por que passa a arte popular em Pernambuco e no Brasil, seus saltos e conflitos, a partir da palavra e das imagens de seus principais construtores, os artistas populares, na diversidade de concepções e posicionamentos que eles elaboram diante do destino de seu ofício e de suas perspectivas de vida.

Não existe a pretensão de estabelecer uma improvável tipologia dos estilos encontrados. Quer-se apontar, apenas, algumas tendências que surgem em meio à diversidade de temas representados e de formas expressivas, e as atravessam, assumidas pela produção escultórica das diferentes regiões e de seus artistas.

A produção santeira, a partir da imaginária barroca e dos santos de gesso, simplifica-se, seja na direção do arcaico e do primitivo, seja na do clássico e do realístico: esquemas de formas simples ou, ao contrário, realismo do gesto e do pormenor. Releituras do barroco, mas também das imagens religiosas encontradas em templos e terreiros. Superação ao mesmo tempo desse imaginário barroco e do sentimentalismo presente nas figuras das igrejas católicas. A preocupação com o movimento e os gestos pode, nesse caso, tornar dramática a representação, ou conter-se em ideal hierático.

Do céu à terra: a figuração dos bichos – a tendência animalista – varia da força expressiva, por vezes torturada, a um estilo despojado, rigoroso ou familiar.

O realismo estilizado torna comoventes os blocos de cenas da vida cotidiana, ao



natural ou pintadas com o cuidado dos ornamentos coloridos.

Já um tratamento dramático de textura, cor e pormenores, leva a figurações muito diversas, mas todas elas expressivas e mesmo expressionistas: efeitos de humor surreal pelo fantástico da concepção.

O livro é dividido em quatro capítulos que representam as grandes regiões de Pernambuco: Metrópole, Mata, Agreste e Ser-

tão. Em cada um, procura-se caracterizar a produção artística em suas semelhanças e diferenças, a partir do discurso dos artistas, da observação direta da pesquisa e do diálogo com outras referências institucionais e bibliográficas.

As imagens desses artistas criadores, de suas obras e dos contextos em que aparecem, apresentam ao olhar um extraordinário universo e convidam à admiração.